



Leitura Orante do  
**Novo**  
Testamento **1**

**Região Latino-americana Lassalista**

C  
L  
A  
R *Seguir*  
*a Jesus*

**SUBSÍDIOS LASSALISTAS**



# RELAL

Região Latino-americana Lassalista

Seguir a Jesús:

## **Leitura Orante do Novo Testamento 1**

**SUBSÍDIOS LASSALISTAS**

**CLAR**

*Confederação Latino-americana de Religiosos*

**RELAL**

*Região Latino-americana Lassalista*



### **Comunidade Animadora Regional**

Irmão Edgar Genuíno Nicodem  
Irmão Gustavo Ramírez Barba  
Irmão Christian Diaz Meza

### **Direção**

Irmão Edgar Genuíno Nicodem  
*Conselheiro Geral para a RELAL*

### **Coordenação**

Irmão Óscar Elizalde Prada

### **Colaboradores**

Irmão Jesús Rubio Názer  
Irmão Edgard Hengemüle  
Irmão Leonardo Enrique Tejeito Duque  
Irmão Israel José Nery  
Irmão Diego José Díaz Díaz  
Irmão Lorenzo González Kipper  
Irmão Santiago Manzini  
Irmão Oscar Elizalde Prada

### **Traduções**

Irmão Fernando Granada  
Irmão Arnaldo Mário Hillebrand

### **Desenho e Diagramação**

Omar Córdoba

# Conteúdo

**2** Apresentação

**5** Introdução

**10** Esquema dos oito Encontros

**14** Dinâmica dos Encontros

**23** Subsídios Lassalistas

**12** **SUBSÍDIO LASSALISTA 1 / DEUS CRIADOR  
COOPERADORES E MINISTROS DA OBRA DE DEUS**  
*Irmão Óscar Elizalde*

**16** **SUBSÍDIO LASSALISTA 2 / DEUS LIBERTADOR  
LA SALLE E SEU EMPENHO EM DAR RESPOSTAS  
PARA A LIBERTAÇÃO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE  
NECESSITADAS DE SALVAÇÃO**  
*Irmão Jesus Rubio Názar-fsc*

**20** **SUBSÍDIO LASSALISTA 3 / O DEUS DOMÉSTICO  
Casa de Deus e porta do céu**  
*Irmão Edgard Henguemüle, fsc*

**23** **SUBSÍDIO LASSALISTA 4 / DEUS TERNO  
A TERNURA DE DEUS EM LA SALLE**  
*Irmão Leonardo Enrique Tejeiro Duque, fsc*

**27** **SUBSÍDIO LASSALISTA 5 / DEUS SERVO  
LA SALLE: SUA OPÇÃO POR UMA ESPIRITUALIDADE DE  
SERVIÇO E SOFRIMENTO**  
*Ir. Israel José Nery*

**29** **SUBSÍDIO LASSALISTA 6 / DEUS HUMANO  
DEUS VEM AO ENCONTRO AMOROSO COM O IRMÃO**  
*Irmão Diego José Díaz Díaz, fsc*

**31** **SUBSÍDIO LASSALISTA 7 / DEUS PRESENTE  
GUIADOS POR DEUS, MOVIDOS POR SEU ESPÍRITO  
E COM INTENÇÃO DE LHE AGRADAR**  
*Irmão Lorenzo González Kipper-fsc*

**36** **SUBSÍDIO LASSALISTA 8 / DEUS TRANSCENDENTE  
MEU JUSTO VIVE DA FÉ**  
*Irmão Santiago Manzini, fsc*



# Apresentação

No Encontro Regional de Irmãos, realizado em Rionegro (Colômbia), em 11 e 12 de outubro de 2007, o fortalecimento da vida espiritual foi definido como a condição preferencial para a vida dos Irmãos. Esta prioridade responde ao desafio proposto pelo 44º Capítulo Geral, de vivenciar um processo de renovação espiritual que nos conduza a uma espiritualidade visível, digna de crédito e profética.

A Palavra de Deus é nossa primeira e principal regra de vida (R 6). O Capítulo Geral ressaltou a relação primordial da Leitura Orante da Palavra de Deus, e a situação de vida dos nossos povos. O encontro fecundo com a Palavra de Deus estudada, meditada, partilhada e celebrada, nos deve estimular a vivenciar com maior autenticidade evangélica nossa existência e nossa missão de religiosos Irmãos.

No Encontro Regional de Irmãos e na Conferência Regional dos Irmãos Provinciais, foi decidido que se assuma o Projeto de Leitura Orante do Novo Testamento da CLAR, como uma das formas concretas de vivenciar o desafio do Capítulo Geral. Na nossa condição de Irmãos Lassalistas, através dessa opção, nos inserimos no esforço da Confederação Latino-americana e Caribenha de Religiosos e Religiosas, empenho de configurarmos uma Vida Religiosa místico-profética a serviço da vida.

A Regra nos lembra que “os Irmãos encontram a principal fonte de sua oração na Sagrada Escritura, na Liturgia e nos apelos oriundos do seu ministério, da Igreja e do mundo. Cada dia, lêem e meditam a Palavra de Deus...” (Cf. R 67). Em variadas ocasiões, o santo Fundador nos recorda que a meditação da Palavra de Deus é um elemento fundamental para caminhar segundo o Espírito (cf. Med. 192).

A Comunidade de Animação Regional, assessorada pela Equipe de Reflexão Teológico-Pastoral, e acompanhada pelo Irmão Óscar Elizalde Prada, Secretário Adjunto da CLAR, tomou a iniciativa de integrar na proposta da CLAR alguns elementos tipicamente lassalistas. Isto se tornou particularmente visível no esquema proposto para os Encontros e os subsídios lassalistas. Agradecemos aos Irmãos que gentilmente destinaram parte de seu tempo para a elaboração dos subsídios.

Esperamos que o projeto de Leitura Orante do Novo Testamento contribua para o processo de renovação espiritual proposto pelo Capítulo Geral, para que, como Irmãos, vivenciemos com novo ardor e esperança o espírito que nos é peculiar: o espírito de fé, de zelo e de comunidade.

**Irmão Edgar Genuino Nicodem**

*Conselheiro Geral para a RELAL*

**Irmão Gustavo Ramírez Barba**

*Secretário Regional da Missão*

**Irmão Cristhian Díaz Meza**

*Secretário Regional Organização e Gestão*

# Introdução

O projeto da Leitura Ornate do Novo Testamento, incentivado pela CLAR, e assumido pela RELAL, tem sido uma iniciativa que favorece a formação no discipulado místico-profético a serviço da vida, a partir da Sagrada Escritura, assim como foi sugerido no Documento de Aparecida:

Entre as muitas formas de se aproximar da Sagrada Escritura existe uma privilegiada à qual todos somos convidados : a Lectio divina, ou exercício da **leitura orante da Sagrada Escritura**. Essa leitura, bem praticada, conduz ao encontro de Jesus-Mestre, ao conhecimento do mistério de Jesus-Messias, à comunhão com Jesus-Filho de Deus e ao testemunho de Jesus-Salvador do Universo. (...) (Documento de Aparecida, nº 249).

Como Irmãos, sentimo-nos desafiados a participar ativamente neste caminho de crescimento e renovação de nossa identidade místico-profética, previsto em três etapas:

- Primeira etapa: Jesus, discípulo do Pai e do povo (2008).
- Segunda etapa: Jesus, a Boa-Nova de Deus (2009).
- Terceira etapa: Vivenciar o espírito de Jesus Ressuscitado (2010).

A primeira etapa se desenvolve através de oito encontros que destacam número igual de dimensões da presença de Deus em Jesus, à luz de alguns textos da Antigo Testamento, relidos a partir de uma perspectiva neotestamentária. Nas palavras da equipe autora do projeto, “cada um dos oito encontros dessa primeira etapa visa a tornar mais conhecido como Jesus foi discípulo do Pai e como, através dEle, a imagem de Deus passava ao conhecimento ao povo”<sup>1</sup>.

Nos oito encontros propostos pela CLAR inclui-se um subsídio bíblico referente à temática abordada (ver esquema dos oito encontros). Nessa mesma perspectiva, um grupo de Irmãos da RELAL elaborou os oito subsídios lassalistas que, juntamente com o esquema e as dinâmicas que serão a seguir apresentadas, tencionam dar uma “feição lassalista” à experiência da Leitura Orante do Novo Testamento.

Os subsídios lassalistas são textos breves em que cada autor se esforça por abordar o tema proposto para cada encontro, a partir de nossa rica herança lassaliana. A diversidade de estilos narrativos, as fontes utilizadas e a experiência de cada Irmão, brindam os subsídios com um “sabor” todo especial, a partir da capacidade inata de causar agrado de cada um.

Decidimos lançar-nos a essa travessia da Leitura Orante do Novo Testamento na prospectiva de prosseguirmos avançando para mares mais profundos, rumo aos mananciais da nossa espiritualidade, que dão sentido e descortinam horizontes novos ao nosso carisma na Igreja.

**Irmão Óscar Elizalde**

---

<sup>1</sup> CLAR, Seguir a Jesus. Leitura Orante do Novo Testamento 1, Bogotá, Editorial Kimpres, 2008, pág. 23.

# Esquema dos oito Encontros

## Encontro 1. Deus Criador

Esperança e gratuidade que nascem da contemplação da natureza  
A desintegração da natureza pela ignorância humana



**Leitura:** Eclesiástico 16, 16 17, 12



**Subsídio Bíblico:** A natureza como parábola de Deus: Fonte de inspiração para Jesus



**Subsídio Lassalista:** Cooperadores e ministros da obra de Deus

## Encontro 2: Deus Libertador

A propensão de Deus é acolher o clamor do povo  
Deus se envolve para libertar o povo da injustiça e da opressão



**Leitura:** Êxodo 3, 1-15



**Subsídio Bíblico:** Jesus, o novo Moisés que liberta o povo: viver em permanente estado e Êxodo



**Subsídio Lassalista:** La Salle e seu empenho para dar respostas à libertação da infância e da juventude necessitada de salvação

## Encontro 3: Deus Familiar

Deus e Pai e Mãe também  
A vivência da fé na família



**Leitura:** Gênesis 18, 1-15



**Subsídio Bíblico:** Na casa do Pai há muitas moradas: para Jesus, a casa é um espaço sagrado



**Subsídio Lassalista:** Casa de Deus e porta do céu

## Encontro 4: Deus Terno

“Tua ternura, Senhor, me abraça!”  
“Nada pode separar-nos do amor de Deus que se revelou em Jesus” (Rm 8,39)



**Leitura:** Oséias 11, 1-1



**Subsídio Bíblico:** Jesus é a revelação da ternura de Deus: as mulheres na vida e na atividade de Jesus



**Subsídio Lassalista:** Deus Terno

## Encontro 5: Deus Servo

“Não vim para ser servido, mas para servir” (Mc 10, 45)

“Sendo igual a Deus, despojou-se de si mesmo e assumiu a condição de servo” (Fl 2, 6-7)



**Leitura:** Isaías 50, 4-9



**Subsídio Bíblico:** Este é o servo que me agrada: Jesus fez de sua vida um serviço aos irmãos e às irmãs



**Subsídio Lassalista:** La Salle, sua opção pela espiritualidade de serviço e sofrimento

## Encontro 6: Deus Irmão

Jesus foi humano, tão humano com só Deus pode ser  
Humanizar é divinizar e santificar



**Leitura:** Isaías 9, 1-6



**Subsídio Bíblico:** Jesus humano: igual a nós em tudo, menos no pecado: “Eu quero misericórdia e não sacrifícios”



**Subsídio Lassalista:** Deus vai amorosamente ao encontro do Irmão

## Encontro 7 : Deus presente

- “O Senhor esteja convosco!”
- “Ele está no meio de nós”!

Mais presente para nós e em nós que nós mesmos



**Leitura:** Êxodo 17, 1-7



**Subsídio Bíblico:** Jesus é a presença de Deus em meio de nós: que me vê, vê o Pai.



**Subsídio Lassalista:** Guiados por deus, movidos por seu espírito e com intenção de lhe agradecer

## Encontro 8: Deus Transcendente

Mais acima de todas as imagens  
“Ele habita uma luz inacessível”



**Leitura:** Sabedoria 7, 15 8, 1



**Subsídio Bíblico:** A liberdade do Filho diante do Pai: transcendência que condena toda forma de manipulação da fé



**Subsídio Lassalista:** Meu justo vive da fé

# DINÂMICA DOS ENCONTROS

## Preparação do Encontro

- Leitura dos Subsídios
- Preparação do ambiente
- Identificação de algum símbolo
- Preparação do momento celebrativo

## Dinâmica del Encuentro

- Momento de acolhida fraterna
- Pôr-se na santa presença de Deus
- Invocação do Espírito Santo

### 1. Uma situação atual que exige nossa presença profética como Irmãos Lassalistas

*Fazer uma leitura da realidade com os olhos da fé, segundo o tema do encontro.*

- a. Como esta situação nos interpela em nossa vida de Irmãos? O quê nos diz?
- b. Como nos sentimos em face desta realidade?
- c. Conhecemos pessoas, irmãos, irmãs ou sacerdotes que estão envolvidos na situação?

### 2. Um texto bíblico para iluminar, meditar e orar

- A. Ler o texto bíblico
- B. Momento de silêncio e de meditação
- C. Partilhar
  - Como o texto revela o rosto de Deus?
  - Como o texto nos ajuda, como vida religiosa, a viver e a revelar o mistério de Deus?
  - Como o texto ilumina nossa missão de ministros e embaixadores de Jesus Cristo?
  - Como o texto nos ajuda a viver o espírito de fé, zelo e comunidade?

### 3. Um compromisso comunitário

- A. Formular um compromisso que ajude a viver evangelicamente a associação.

### 4. Celebração do Compromisso assumido

*Prever algum símbolo integrador da realidade, missão e profecia vivida durante o encontro.*

- A. Momento para pedidos espontâneos
- B. Rezar um salmo
- C. Oração final



## **SUBSÍDIOS LASSALISTAS**



## COOPERADORES E MINISTROS DA OBRA DE DEUS

*Irmão Óscar Elizalde*

### Relatos que recriam a vida

Desde o tempo de nossas origens, no século XVII, quando La Salle se “impressionou” pelos rostos e os clamores das crianças e dos jovens abandonados nas ruas de Reims, e sentiu a urgente exigência de dar uma resposta às necessidades deles, muitas histórias de mística e de profecia se têm tecido, para testemunhar a passagem do Criador por nossas vidas de Irmãos.

Alguns Irmãos tiveram o cuidado de redigi-las, para que a obra do Criador se tornasse mais evidente ainda. Outros, simplesmente desfrutaram as manifestações inspiradoras do Deus da vida, para alimentar sua busca de fidelidade e de sentido de sua consagração.

Hoje, nós reconhecemos que os relatos deles nos valem para recriar a vida à feição do Gênesis. O Irmão Álvaro Rodríguez Echeverría, desde há alguns anos, em suas cartas pastorais, nos vem incitando a recuperar nossos ícones lassalistas, e o Boletim nº 250, recuperou um “arcoríris” de breves relatos em torno da associação para a missão educativa lassalista. Não será, acaso, que algo de novo, uma nova linguagem, esteja nascendo? Não será, acaso, que o ícone do Deus Criador nos esteja estimulando a abriremos os olhos, e a aguçar os ouvidos para percebermos a passagem do Senhor por nossas vidas? É o Deus da vida que cria do nada, e não termina com surpreender-nos: faz novas todas as coisas!

Jesus de Nazaré desvendou o ícone de seu Pai como sua fonte de inspiração permanente. O Fundador sabia disto, e não são poucos os Irmãos que têm sido sensíveis à misteriosa revelação de Deus na natureza, um mistério que sempre transborda:

*Tanta beleza, Senhor, e para nada!  
Tanta beleza e tanto frescor  
No manto esplendoroso da noite  
e no piscar celeste do lago fascinador,  
e nas asas azuis do pássaro dos bons augúrios,  
tanta beleza, Senhor, será para nada?  
Tanta pureza na sombra  
tanta paixão ao sol, e tanta nuvem!  
A luz me angustia a toda hora  
e tanta beleza, Senhor, para tua sombra.*

Tradução livre, literal .

*(Diário do Irmão Noé Zeballos, 18 de novembro de 1966)*

## A presença criadora de Deus

Como Jesus, La Salle e os primeiros Irmãos assumiram seus itinerários de fé em íntimo relacionamento com ambientes naturais, muito marcados pelo rural. Para eles também a natureza se tornou parábola de Deus que os inspirava a contemplar a presença do Criador.

A compenetração interior do sentimento de Davi, no salmo 139, facilita a consideração de Deus presente no lugar onde se está: Para onde irei, longe do teu espírito? Para onde fugirei da tua presença? Se subo ao céu, lá estás, se desço ao abismo, aí te encontro. Se utilizo as asas da aurora para ir morar nos confins do mar, também lá tua mão me guia e me segura tua mão direita” (*Explicação do Método de Oração 'EMO', 2, 17*).<sup>2</sup>

Da contemplação brotam o louvor e o agradecimento. É possível reconhecer a grandeza do Criador por suas obras, todas elas transbordantes de sua presença.

“Meu Deus, Vós sois adorável em toda parte, porque encheis o céu e a terra, e não há lugar onde não estejais; e é nosso dever adorar-vos em todos os lugares onde estejais”. (*EMO 4, 147, 1*).

O Irmão que vivencia a experiência do Deus Criador, pode reconhecer-se como criatura dele, e rejubilar em sua pequenez, na sua incapacidade de entender e de absorver tanta beleza e esplendor.

“Eu sou criatura vossa; por isso, em todos os lugares onde eu esteja, devo reconhecer vossa infinita grandeza e vossa soberana majestade, e aniquilar-me diante de vós, em vista de vossas infinitas perfeições e de tudo que o espírito humano é incapaz de estimar, porque não pode compreender o que sois, e o que vossa divina essência tem de excelente” (*EMO 4, 147, 2*).

E a presença Criadora de Deus continua criando na vida de seus filhos. Homens e mulheres fomos criados para sermos irmãos. O plano de Deus se opõe ao projeto fratricida de Caim sobre Abel. Caim rejeitou a fraternidade, e preferiu ser filho único (*cf. Gn 4, 8*). Em nós, Irmãos, ressoa a angustiante pergunta das origens: “Onde está teu irmão?” (*cf. Gn 4, 9*). Somos todos responsáveis uns pelos outros. A fidelidade ao chamado de Deus passa pelo compromisso que assumimos em favor de nossos irmãos excluídos e carentes daquilo que é necessário para viver com dignidade. O Deus da vida se põe do lado daqueles que buscam, através da justiça, continuar sua obra criadora. La Salle nos recorda isto em sua meditação de número 59:

“Deus criou todos os homens e quer que todos tenham o necessário. Ele mesmo providenciará quando lhes faltarem os meios. No vosso estado, realizais a obra de Deus. Portanto, convencei-vos de que Ele cuidará de vós, se o servirdes fielmente e não omitirdes nada do que Ele exige de vós” (*Med. 59, 3, 2*).

Mais ainda, como cooperadores, ministros e dispensadores da obra de Deus, o Fundador considera que seremos interpelados e julgados com base no critério da fraternidade. Se formos

---

<sup>2</sup> Na tradução para o português, será empregado o texto da Bíblia Sagrada, editada pela CNBB. Nesta versão o citado salmo de Davi tem o número 139, 7-11.

Irmãos, assumiremos como próprio o fado de nosso Irmão. Então não será possível esquivar-nos de nossa vocação de Irmãos à maneira de Caim: “Acaso sou eu o guarda de meu irmão”? (cf. Gn 4, 9). Deus Criador se faz presente em nós, suas criaturas, toda vez que nós nos fazemos próximos e irmãos, venha o que vier. E na Meditação 205, podemos visualizar a atualidade desse compromisso ineludível:

“Vós cooperais com Deus em sua obra, diz São Paulo, e as almas dos alunos que instruíis são campo que Ele cultivava por vosso meio. Ele mesmo vos confiou o ministério que exerceis. Por isso, quando todos comparecerdes perante o tribunal de Jesus Cristo, cada um de vós prestará contas a Deus pessoalmente, do que tiver feito como ministro de Deus e dispensador de seus mistérios para com os alunos” (Med. 205, 1).

### Irmãos a serviço da vida

Aprendemos que pelo espírito de fé devemos “considerar tudo com os olhos da fé, fazer tudo em vista de Deus, e atribuir tudo a Deus”. (R.5, RC 2,2). É evidente, que para La Salle se trata de uma experiência vital que vem precedida pela Palavra de Deus e se faz referência às realidades do dia-a-dia, às quais queremos responder com sentido evangélico.

Partindo desta perspectiva, o Irmão Álvaro Rodríguez Echeverría, em sua Carta Pastoral de 25 de dezembro de 2007, lembrou o convite que Mary Robinson expressou aos Irmãos Capitulares do 44º Capítulo Geral, com relação aos oito objetivos do milênio, que 189 nações da ONU, adotaram para o ano 2000:

1. Erradicar a pobreza extrema e a fome.
2. Chegar a realizar plenamente a instrução primária universal
3. Promover a igualdade entre os sexos, e a autonomia da mulher.
4. Reduzir a mortalidade infantil.
5. Aprimorar a saúde materna.
6. Combater a AIDS, a malária e outras enfermidades.
7. **Garantir a sustentabilidade do meio ambiente.**
8. Fomentar uma associação mundial para o desenvolvimento.

Ainda que seja certo que a decisão de “garantir a sustentabilidade do meio ambiente” é o objetivo que melhor reflete nosso compromisso em prol da criação, é importante considerar que os outros objetivos igualmente se orientem para a defesa da promoção da vida.

Hoje, a criação inteira está erguendo a voz. O “clamor público” daqueles que assumiram as causas ecológicas do planeta, a defesa da biodiversidade e os ecossistemas, e a rejeição de qualquer forma de destruição da criação, exigem de nós, Irmãos, um renovado compromisso com a obra do Criador, em prol da vida ameaçada. Nossas opções pastorais serão o termômetro de nosso compromisso com a obra criadora.

Em sua sensibilidade, os jovens nos ensinam a escutar Deus e a descobri-lo presente na natureza. Um jovem soldado, antes de morrer na guerra escreveu:

“Escuta, Deus...eu nunca falei contigo.  
Hoje eu quero saudar-te: Como vais?  
Tu sabes? Disseram-me que tu não existes  
e eu, bobo, acreditei que era verdade.  
À noite, eu vi teu céu. Encontrava-me  
escondido na cratera de uma granada...  
Quem haveria de pensar que para ver-Te  
bastava a gente se deitar de costas? (...)”<sup>3</sup>

As grandes experiências de fé se dissimulam em simplicidade e vulnerabilidade. A pessoa que tiver experimentado, a presença do Deus Criador em sua vida, ainda que uma única vez, daí para diante só ansiará por uma coisa: servir com gratuidade a seus irmãos e à criação inteira, com a certeza de que Deus ali está presente!

---

<sup>3</sup> Reproduzido pelo Irmão Noé Zeballos, em seu diário (notas soltas de 1969) Cf. HERMANOS DE LA SALLE PERU. La vida tambien tiene sus domingos. Lima, 2006, pág. 156.



## LA SALLE E SEU EMPENHO EM DAR RESPOSTAS PARA A LIBERTAÇÃO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE NECESSITADAS DE SALVAÇÃO

*Irmão Jesus Rubio Názar-fsc*

São João Batista de La Salle viveu na época de Luiz XIV, um contexto caracterizado pela difícil situação vivida pelo povo pobre da França. Os vinte e cinco primeiros anos do reinado pessoal de Luiz XIV (1661-1685), foram um período de glória e de gastos excessivos. A segunda parte (1685-1715) foi muito difícil devido aos longos anos de guerra e da persistente míngua de alimentos. Foi grande a miséria do povo, e se estendeu rapidamente, numa época marcada pelo êxodo maciço dos camponeses para as cidades. O abandono de suas terras os lançou numa vida de trabalhadores sem qualquer capacitação para o trabalho, ou de ociosos desempregados ou mendigos. Muitos trabalhadores recebiam seus pagamentos em espécie e careciam de dinheiro realmente disponível. Devido à falta de recursos, tinham de sobrecarregar-se de trabalho, mobilizando as energias de toda a família, inclusive das crianças.

Essa situação de precariedade imperou mais ainda nas regiões pelas quais, devido às guerras, o exército era transferido, e se apossava para seu próprio sustento dos escassos recursos dos pobres. As terríveis condições climáticas causaram fome e acabaram com os poucos recursos das famílias pobres.

Aqueles que têm poucos bens, caem na miséria a partir de qualquer passageira situação desfavorável. Em tempos de penúria a migração aumenta mais ainda. Nas relações cotidianas, a gente comum do povo perde a amizade, a confiança e o respeito; enchem-se de amargura e de desespero. Pouco a pouco, a criança imigrante se vai convertendo em potencial delinqüente urbano, e poder obter dinheiro é um valor sempre presente.<sup>4</sup>

La Salle captou essa realidade como um chamado de Deus para descobrir nos meninos abandonados a si mesmos, o povo a cuja libertação Deus o convocara. Deixou-se impressionar “pela situação de abandono dos filhos dos artesãos e dos pobres” (R. 11), não apenas pelo desamparo humano, mas também espiritual deles. O diagnóstico que faz da situação de sua época e a forma como afligia os meninos, foi o manancial inspirador de sua oração:

“Refleti sobre a prática generalizada, entre os operários e os pobres, de deixarem os filhos viver soltos pelo mundo, na vadiagem, antes de poder empregá-los em alguma profissão. Não cuidam absolutamente em enviá-los a alguma escola, já por sua pobreza que não lhes permite pagarem os professores, já pela necessidade de procurarem trabalho fora de casa. Isto forçosamente os obriga a deixá-los ao abandono. As conseqüências disso são funestíssimas. Pois essas pobres crianças, acostumadas, durante vários anos, a levar uma vida de vadiagem, terão muita

<sup>4</sup> FIÉVET, Michel. *Les enfants pauvres à l'école; la révolution scolaire de Jean-Baptiste de La Salle*. Éditions Imago, Paris, 2001, págs. 21-32.

dificuldade de acostumar-se depois ao trabalho. Além disso, por freqüentarem más companhias, aprendem a cometer muitos pecados, que dificilmente deixarão, por causa dos hábitos viciosos adquiridos durante tanto tempo” (*Med. 194, 1*).

Esta mesma análise fundamenta, não somente sua oração, mas toda a estrutura do Instituto por ele fundado, como o expressa no primeiro capítulo das Regras Comuns: “Este Instituto é de grandíssima necessidade, porque, sendo os artesãos e os pobres ordinariamente pouco instruídos, e ocupados todo o dia para ganharem seu sustento e o dos seus filhos, não podem dar-lhes, por si mesmos, a instrução de que necessitam, e uma educação honrada e cristã” (*RC. 1, 4*).

Em La Salle, o atual conceito de “libertação” seria mais claramente lido em termos de “salvação”, termo que é constantemente repetido em suas Meditações para o Tempo de Retiro. Chama a atenção o contraste entre a Meditação 194 e a de número 207. A primeira, acima citada, apresenta a situação da sociedade contemporânea dele: um mundo onde o domínio do próprio destino foge totalmente das mãos dos artesãos e dos pobres, um mundo que se perde na reprodução fatídica das mesmas lacunas, os mesmos erros, as mesmas impossibilidades. E a segunda, que propõe um mundo pacificado, reconciliado, ao qual os jovens acedem, como salvação realizada na terra, nas realidades sociais, humanas, culturais e cristãs dos jovens quando já cresceram e amadureceram, e também no Céu, como o expressa na Meditação 208. A passagem de uma realidade para a outra, se concretiza na escola, como La Salle a sonhou e realizou.

A escola lassaliana é o lugar onde a salvação de Deus pode ser apresentada a esses meninos, porque é posta a seu alcance. Mudam de comportamento, renunciam à imoralidade, à mentira, à vingança, à soberba; procuram realizar boas obras, como amar os inimigos, dizer sempre a verdade, respeitar o próximo e em primeiro lugar seus pais, seus companheiros, adquirem a prática de partilhar. Aprendem coisas profanas: leitura, escrita, cálculo... que os preparam para ganhar um emprego útil. A escola os afasta das más companhias, lhes ensina como ocupar seu tempo em coisas úteis para sua vida atual e a futura, aprendem costumes em seu comportamento segundo o coração de Deus. Finalmente, um dia poderão apresentar-se diante de Deus sem ruga, sem mancha, e assim, proclamar a glória de Deus, e reconhecer o labor de seus mestres. Mais que as situações encontradas ou vivenciadas, são “estes meninos” que abrasam o coração dos lassalistas, a tal ponto que “os decidem a sacrificar-se e a consumir toda a vida, para dar-lhes educação cristã e obter-lhes a vida da graça neste mundo e a vida eterna” (*Med. 201, 3,3*).<sup>5</sup>

Numa sociedade marcada pelo assistencialismo, La Salle optou pela promoção humana. Numa sociedade marcada pela dimensão religiosa e cultural, onde primava o latim, optou pela integração do humano e do espiritual na escola, de modo que os mestres dessa escola “não fizessem diferença entre os negócios do seu estado e o negócio da salvação e da perfeição, na certeza de que jamais operariam melhor sua salvação, nem chegariam a mais perfeição do que cumprindo os deveres de seu cargo, contanto que o fizessem com a idéia de cumprir a vontade de Deus” (*EP 3, 0,3*). Numa sociedade preocupada com a salvação espiritual, responde com uma escola organizada em função das necessidades reais das pessoas. Numa sociedade sem

---

<sup>5</sup> Conselho Internacional de Estudos Lassalianos. *O Carisma Lassaliano. Coleção “Estudos Lassalianos”*. Irmãos das Escolas Cristãs, Roma, 2005, págs. 236-248.

esperança para os pobres, optou por escolas libertadoras, que libertam da ignorância, dos vícios e da desesperança. Numa sociedade excludente, optou por escolas abertas, incluídas, a que todos têm acesso e um lugar garantido.

Para La Salle, Jesus é a mensagem que liberta e salva, é a presença de Deus: “ Já que estais encarregados de ajudar os vossos alunos a se salvarem, deveis dispô-los a unir todas as suas ações às de Jesus Cristo Nosso Senhor, para que, santificadas pelos seus méritos e a sua unção, elas possam ser agradáveis a Deus, e converter-se em meios de salvação para eles” (*Med. 195, 1*).

Jesus, por sua vez, se faz presente na história desses meninos através desses homens convocados por Ele.

“Vós sois os embaixadores e os ministros de Jesus Cristo no vosso emprego. Por isso deveis desempenhá-lo como representantes do próprio Jesus Cristo. Ele quer que vossos alunos vos considerem como a Ele próprio e recebam vossas instruções como dadas por Ele pessoalmente. Devem estar persuadidos de que a verdade de Jesus Cristo fala pela vossa boca e que é unicamente em seu nome que ensinai, porque Ele vos confere autoridade sobre eles. Vossos alunos deveriam sentir que são carta por Ele ditada e escrita por vós todos os dias em seus corações, não com tinta, mas pelo Espírito de Deus vivo, que atua em vós e por vós, mediante a virtude de Jesus Cristo” (*Med. 195, 2*).

Para realizar este mistério de libertação, o mestre cristão necessita de ele mesmo se unir a Jesus. A união mística entre o Irmão e Jesus é o que lhe permite que seu ministério seja realmente libertador. “Para cumprir esse dever com tanta perfeição e exatidão como Deus exige de vós, entregai-vos muitas vezes ao Espírito de Jesus Cristo, a fim de procederes em tudo unicamente por Ele, e que o vosso próprio espírito não tenha parte alguma” (*Med. 195, 2*).

A Declaração “O Irmão das Escolas Cristãs no Mundo de Hoje” assinalou uma clara tomada de consciência para todo o Instituto sobre o serviço educativo aos pobres, como um elemento constitutivo de sua vocação: “O serviço aos pobres requer do Irmão que ele se oponha, de acordo com sua missão, a todas as formas de pobreza-frustração e que se preocupe primeiro pelo desenvolvimento humano autêntico e pela sensibilização das pessoas no sentido de melhorar seu meio ambiente” (*D. 30, 3*). Esta preocupação se orienta principalmente para as crianças e os jovens: “O Instituto deve ser especialmente sensível ao fato de ser a juventude a mais atingida na sua saúde, sua cultura, seu desenvolvimento, nesses países atingidos pela pobreza (*D 33, 3*). Essa preocupação foi especialmente manifestada, nestes últimos anos, na atenção de todos os lassalistas na Defesa dos Direitos das Crianças. “Os Direitos das Crianças são o oposto de todas as formas de exploração ou de maus tratos infligidos às crianças. Os Direitos das Crianças nos incitam a criar em nosso entorno, o ambiente e as condições de uma educação integral e digna dos filhos e filhas do um mesmo Pai” (*Irmão Álvaro Rodríguez Echeverría, 7 de abril de 2001*).

Na América Latina, os lassalistas, desde há algum tempo, temos feito uma permanente releitura do nosso carisma, para encarná-lo na realidade específica do nosso continente. PERLA (*Projeto Educativo Regional Lassalista Latino-americano*) é hoje uma concretização desse empenho de libertação.

“Nosso Instituto nasceu nos confins de uma desumanização: um mundo juvenil afastado da salvação, sem possibilidades de alcançar nem a realização humana, nem a cristã. Ser fiéis a nosso carisma, para nós, hoje significa responder com criatividade às novas formas de desumanização, às novas pobreza, aos apelos que nos lança o mundo dos excluídos” (*Irmão Álvaro Rodríguez Echeverría, O Compromisso Educativo Internacional dos Lassalistas*).



## Casa de Deus e porta do céu

*Irmão Edgard Henguemüle, fsc*

### A experiência de La Salle:

Como se dizia no seu tempo, La Salle era de “boa casa”, no sentido do nível social e econômico da família em que nasceu. E, no sentido material, até hoje é conhecida a boa casa em que viveu os seus primeiros anos de vida.

Esta boa casa, em todos os sentidos, era um lugar em que Deus era presença forte e alguém fielmente servido. Onde “a Deus coube a melhor parte”, como diz Blain (*I, 118*), referindo-se aos quatro membros da família que se dedicaram à vida religiosa ou ao sacerdócio.

### Doutrina de La Salle. Textos

Não temos textos lassalianos falando explicitamente do Deus doméstico, do Deus do lar. O que, aliás, não é de estranhar no século de XVII, quando os atributos com que as pessoas então mais identificavam a Deus não eram os da sua proximidade, familiaridade, mas os da sua grandeza e transcendência.

Mas, em seus escritos, La Salle revela que se preocupava com a dimensão doméstica, a casa dos Irmãos, começando pelo aspecto físico. Cuidava que tivessem uma residência que lhes oferecesse as condições necessárias para levarem o seu tipo específico de vida (*C 17, 14; 19, 4*). Em sua correspondência, comunica quando adquire uma casa nessas condições ou nela instala uma comunidade. E também o faz quando encontra dificuldades nesse terreno: O senhor Bispo “quer alojar-nos na casa de São Vicente, que seria muito pouco cômoda, na qual não há pátio nem jardim, e onde me parece que vocês estariam muito mal instalados” (*C 37, 1*).

Com certa freqüência, refere-se ambiente doméstico dos Irmãos, ao local onde vivem, e fala do como o concebe e como vê a Deus nele:

Ao comentar a paralisia espiritual que pode atacar os Irmãos, recomenda-lhes que, assim que dela conseguirem livrar-se, dirijam-se “diretamente para casa”, isto é, para a comunidade e aos exercícios que nela se praticam (*MD 71, 3, 2*). E usando uma linguagem inclusiva nos assegura que, se tivermos perdido o espírito de nosso estado e conseguido recuperar a vivência dele e dos deveres que o expressam, “Jesus nos devolverá à nossa mãe, que é a comunidade em que nos engajamos” (*MD 68, 3, 2*).

E o que diz dessa nossa “casa” e dessa nossa “mãe”, e o que sugere com relação a ela? “Deus colocou-os no retiro e em lugar santo e em sua própria casa” (*MD 6, 1, 2; cf. MF 191, 2, 2*). “De uma comunidade onde se serve bem a Deus pode-se dizer que é a casa de Deus e a porta do céu” (*MD 77, 1, 1*). “Aqui vocês vivem numa casa de oração” (*MD 62, 1, 1*). “Peçam muitas vezes que São Miguel queira proteger esta pequena família, esta Igreja de Jesus Cristo que, conforme a expressão de São Paulo, é a nossa comunidade” (*MF 169, 3, 2*).

O que destacar nestes textos do Fundador?

Que ressonâncias o Fundador desperta em nós ao falar de nossa comunidade como nossa casa e nossa mãe?

### Compromisso e oração

1. Considerada a realidade concreta de nossa comunidade, a que compromisso nos convidam as palavras do Fundador?
2. Transformar nossa reflexão em oração.
3. Podemos servir-nos também da oração que o Fundador nos propõe fazer a Jesus em meio a nós (*EMO 2,37,2 2,37,4*):

“Que dicha la mía, oh Dios mío, por hacer oración com mis amados Hermanos, puesto que, según vuestra palabra, tenemos la ventaja de teneros em medio de nosotros!

Estáis presente, oh Jesús mío, para derramar vuestro Espíritu sobre nosotros, según lo decís por vuestro Profeta, como lo derramasteis sobre vuestros apóstoles y primeros discípulos, cuando estaban reunidos y perseveraban en la oración, en íntima unión de espíritu y de corazón en el Cenáculo.

Concededme también, por vuestra presencia en médio de nosotros reunidos para orar, la gracia de tener íntima unión de espíritu y de corazón com mis Hermanos, y la de entrar en las mismas disposiciones en que estaban los santos apostoles en el Cenáculo, para que, habiendo recibido vuestro Espíritu según la plenitud que me hábeis destinado, me deje dirigir por Él para cumplir los deberes de mi estado y me haga participar de vuestro celo en la instrucción de los que os digneis confiar a mis cuidados”.

### Subsídio: “Casa de Deus e porta do céu”

1. Para La Salle, portanto, a casa dos Irmãos é a sua comunidade.
2. Esta casa não é apenas um lugar físico, de residir, alimentar-se, recrear-se. Nem só lugar psicológico, de aconchego ao regressar do exercício magisterial, de suporte e de estimulação recíproca à mais alta perfeição. Nem só lugar de retiro, de abastecimento espiritual e profissional para o exercício do magistério.

Como para Jesus, também para La Salle, a casa, esta casa que é a comunidade, é um lugar sagrado, um espaço teológico. A casa onde Deus está presente. Onde, no exercício de seu múnus sacerdotal, os Irmãos unidos na fraternidade e na oração, pode-se dizer que fazem a Deus presente: “Onde dois ou mais estão reunidos em meu nome, eu estou no meio deles”. “Onde reina a caridade e o amor, Deus aí está”. “Lembremo-nos de que estamos na santa presença de Deus”.

Como esta casa da comunidade é a casa do Senhor, tanto faz cada Irmão dizer, como o profeta: “O zelo de vossa casa me devora”, ou dizer: “O zelo de nossa casa me devora”. E este zelo La Salle o aponta como preparo e condição para a eficácia do zelo a ser

empregado fora da casa: “Para tornar o zelo de vocês útil aos demais, devem primeiramente exercê-lo no interior de vocês mesmos e de sua comunidade” (MF 81.3).

3. O Deus que está nesta casa é o Deus de cuja presença e ação La Salle e os Irmãos tiveram experiência. Que esteve com La Salle nas várias casas por onde o Fundador esteve, e o foi levando aos poucos e insensivelmente “de compromisso em compromisso”. O Deus cheio de compaixão pelas crianças socialmente excluídas e espiritualmente órfãs (MR 194,1,2); que instituiu as Escolas Cristãs para que a instrução e salvação chegassem a elas. Que tem com elas os cuidados de Pai e tutor. Mas que confia a cada um Irmão a tarefa de exercer, em seu lugar, esse cuidado paterno e tutorial (MD 37,3,2). O Deus que, ao mesmo tempo que uno, é trino e, por isso, é a inspiração última da comunidade lassaliana, onde vivem em fraternidade Irmãos da mais variada origem geográfica, social e cultural.

Ele é o Deus que também vem todos os dias à comunidade dos Irmãos, dando-lhes a honra de visitá-los na meditação e que, com frequência, repete essa visita na comunhão do corpo e do sangue de seu Filho Jesus Cristo (MF 141,3,2).

4. Assim como Ele é o Deus de nossos pais em geral, é, portanto, também o Deus de nossos pais na fé lassaliana: De La Salle, dos primeiros Irmãos e de todos os que vieram depois. O Deus do Irmão Bartolomeu, do Irmão Agathon, do Irmão Jaime Hilário, do Irmão Miguel.... Que era íntimo a todos eles. Que a todos chamou e enviou, desafiou e acompanhou na realização de sua vocação. E a quem todos eles, assim como Abraão, entregaram o melhor que possuíam e se consagraram a si mesmos.
5. E que continua sendo o Deus de nosso povo, de nossa “pequena Igreja”, que é a nossa comunidade local, mas também nossa comunidade lassaliana internacional. O Deus a quem escolhemos servir em seus filhos. A quem queremos fazer o centro de nossa comunidade. A fé no qual vivemos eminentemente em comunidade, em família fraterna. De cuja presença queremos fazer experiência todos os dias, experiência que nos propomos partilhar com nossos Irmãos de comunidade e com todos aqueles que Ele nos confia.



## A TERNURA DE DEUS EM LA SALLE

*Irmão Leonardo Enrique Tejeiro Duque, fsc*

*“Amai ternamente os meninos pobres...seguinto nisto o exemplo de Jesus Cristo. Deveis preferi-los aos que não são pobres, pois Jesus Cristo não disse: “O Evangelho é anunciado aos ricos”, e sim “aos pobres” (Med. 166, 2).*

Há uma experiência muito significativa em São João Batista de La Salle, a partir da qual orientou de maneira diversa o curso de sua vida. Foi o aparecimento súbito de outro rosto de Deus em sua vida. A manifestação ante seus olhos de uma realidade que nunca antes vira: a dos “filhos dos artesãos e dos pobres”. Os rostos de pessoas, de filhos de Deus que se constituíram em convocação, em clamor por ajuda, em expectativa por sua resposta. O que aconteceu? Como foi possível que mudasse sua perspectiva, que de pronto pudesse perceber o “desamparo humano e espiritual” dos pobres? O quê foi que o fez “atento” a esse desamparo? Deus, irrompeu em seu ser, e suas circunstâncias com um primeiro impulso, quase imperceptível, suave, respeitoso, terno.

Impulsionou-o a ver de maneira um pouco diferente a presença desse pobre que se fazia presente em seus trabalhos de cada dia, a sentir apenas um pouco de compaixão, somente um pouco. La Salle deu sua primeira resposta, um gesto quase insignificante, um gesto tímido, ao entrar em contato com Adrien Nyel. Deus lhe fez ver o desamparo dos meninos, e La Salle comprometeu-se um pouco, para começar. Deus logo se deixou ver no desamparo dos meninos. E La Salle deu um passo mais para a frente. Assim será o diálogo de toda a vida. Um itinerário com seu Deus terno, de quem, mais adiante ele dirá:

“Deus, que governa todas as coisas com sabedoria e ternura, e que não costuma forçar a inclinação dos homens, querendo comprometer-me para assumir inteiramente o cuidado das escolas, fez isto de maneira totalmente imperceptível e em longo tempo, de modo que um compromisso me levava a outro, sem que eu o pudesse prever no início” (MO, 6).

É a ternura de Deus que “não costuma forçar as inclinações dos homens”, que, em seu desígnio quer comprometer a cada um, mas que o faz de “maneira totalmente imperceptível”, que toma seu tempo, que faz crescer “de compromisso em compromisso”.

Mas essa ternura se traduziu em experiência humana de afeto às crianças pobres e aos Irmãos, assim como o manifestou, por exemplo, para com o Irmão Gabriel Drolin, ao escrever-lhe: “Eu lhe dou certeza que sinto muita ternura e afeto por você, e que, com frequência oro a Deus por você” (Carta 32, 2). E a outro Irmão escreveu: “A ternura com que você me escreve, caríssimo Irmão, move a profundidade da alma” (Carta 97, 2).

Mas, de que maneira João Batista de La Salle expressou essa experiência em seus escritos? - Como lhe foi revelada em Jesus Cristo? Como descreveu ele a ternura de Maria Santíssima e dos santos? O quê propôs ele, em termos de ternura, a seus Irmãos, seja entre eles em comunidade, seja com referência aos meninos pobres, destinatários da ternura divina?

### La Salle expressou assim a ternura de Deus

La Salle deu importantes testemunhos de sua experiência de ternura do Pai. Por exemplo: Falando da comunhão diz: “Deus nos mostra tanta ternura, a ponto de dar-nos seu próprio Filho como alimento de nossas almas e, ao mesmo tempo, a fim de remediar todas as nossas doenças espirituais” (*Med. 51, 1, 1*).

Em uma oração assim se expressou: “Meu Deus, que és Deus cheio de bondade e de ternura para com teus filhos...” (*I 1, 7, 40*). “Pai eterno, cujo amor e ternura para com os pecadores é incomparável “ (*I 3, 34, 1*). ...reconheço “os sentimentos de ternura que tens para com aqueles que voltam à graça contigo” (*I 3, 37, 3*).

Falando dos frutos que se devem tirar da consideração do nascimento do Menino Jesus, propõe um “profundo amor a Nosso Senhor e terna afeição por Ele, considerando-o como Menino Deus, que nasce por amor de nós” (*EMO, 8, 197*). Referindo-se a Jesus Cristo diz que “desejando dar-nos mostras de sua ternura e bondade, antes de morrer deixou a seus apóstolos, e, nas pessoas deles, a toda a Igreja, seu corpo e seu sangue, a fim de servirem aos fiéis de todos os tempos de penhor precioso do terno amor que a todos consagra” (*Med. 26, 3, 1*). Em uma oração escreveu: “Meu Divino Salvador... considerando tua infinita bondade e a ternura que sentes por mim, prefiro ir ao teu encontro como Marta e Maria Madalena, e dizer-te com elas: Se tivesses vindo antes, minha alma não teria morrido” (*I 6, 15, 2*).

La Salle propõe a sagrada comunhão como meio de tornar o homem semelhante a Deus, e, por isso, disse numa oração: “Teu amor e tua ternura pelos homens, levou-te a encontrar um meio para torná-los semelhantes a Deus... dar-lhes de comer tua carne, e, por esse meio, torná-los partícipes da divindade que está em ti, unindo-se totalmente a ti e participando de tudo que há em ti “ (*I 6, 22, 1*). “Como a Eucaristia é sacramento de amor, também é preciso manifestar terno amor a Jesus Cristo ao recebê-lo” (*Med. 55, 3, 1*). Num cântico afirmou: “Tu és a própria ternura” (*CE 8*), e numa meditação declara: “O terno amor de Jesus Cristo aos pecadores levou-o não somente a desejar morrer por nós, mas ao mesmo tempo inspirou-lhe até grande desejo de realizá-lo” (*Med. 25, 2, 1*). A respeito da Igreja lembra que ela é “nossa mãe comum, e que ela não omite nada para estimular vigorosamente nosso zelo em favor de seus filhos padecentes, que ela ama ternamente” (*Med. 185, 3*).

### Maria Santíssima e a ternura

Encontrou em Maria Santíssima as manifestações de ternura de Deus, e propôs: “Façamo-nos dignos do terno amor da Santíssima Virgem. E, para obter dela mais facilmente o que desejarmos, dirijamo-nos a São João. Sendo ele seu filho querido, em lugar de Jesus, obter-nos-á aquilo que nossas próprias forças não conseguem” (*Med. 88, 3*). Lembrou aos Irmãos o que São Bernardo disse: “Devemos honrar a Santíssima Virgem com devoção muito terna, porque Deus nela depositou a plenitude de todo bem, encerrando em seu ventre o Verbo de Deus” (*Med. 151, 2, 1*). Disse ainda que “São Bernardo e São Francisco... tinham uma tão grande ternura

para com a Santíssima Virgem Maria, que a escolheram como protetora e sustentáculo de suas ordens” (*Med. 129, 3*). Na meditação para a festa de Nossa Senhora das Neves diz: “Cultivemos uma grande veneração e uma terna devoção para com a Santíssima Virgem, pois, por este canal Deus nos fará chegar as graças que deseja conceder” (*Med. 151, 2, 2*).

### **A ternura nos santos**

Viu nos santos as testemunhas desta ternura, como Santo André, que “assim que viu a cruz que lhe estava destinada, exclamou que essa cruz lhe estava destinada; que havia muito tempo a desejara; que mesmo a tinha buscado com muito afã. Pediu ao Pai que o recebesse com ternura, assim como recebera a Jesus Cristo, o qual considerara uma honra de morrer nela e a tornara amável e honrosa” (*Méd. 78, 3, 2*). Falando de São Francisco de Sales pergunta: “São estes os sentimentos de caridade e de ternura para com os meninos pobres que deveis educar? Aproveitais o afeto que eles vos têm, para levá-los a Deus? Se tendes para com eles a firmeza de pai para tirá-los ou afastá-los do mal, deveis também ter-lhes a ternura de mãe e para atraí-los e fazer-lhes todo bem que depende de vós” (*Med. 101, 3*). A respeito de São Filipe diz: “Parece também que Jesus Cristo deu a este santo a graça de um grande amor e ternura para transmitir o conhecimento e o amor de Jesus Cristo” (*Med. 119, 3*). Diz também que São Barnabé reconhece “que sua bondade e sua ternura para com o próximo levaram os apóstolos a o encarregarem da distribuição das esmolas...” (*Méd. 134, 2, 1*). De Santa Madalena afirma que “amava o Senhor com ternura” (*Med. 144, 3, 1*). E de São Joaquim diz que “ainda que amava a Maria com profunda ternura, passou sem ela o resto de sua vida” (*Med. 157, 3, 1*). E de São José assevera: “Duas coisas eram o fundamento da grande solicitude de São José para com Jesus, a saber: a incumbência recebida para isso pelo Eterno Pai, e o vivo amor que tinha a Jesus” (*Med. 110, 3, 1*). Em São Francisco de Paula ressalta que “este santo tinha um terno amor a todos os seus Irmãos” (*Med. 113, 2, 1*). Na referência a São Tiago Maior pergunta: “O que devemos fazer para honrá-lo e celebrar devidamente sua festa? E, entre cinco coisas propõe “agradecer a Deus pelo terno afeto que lhe deu por Jesus Cristo” (*DC 3, 44, 9, 10*). Também se pergunta: “O que devemos fazer para honrar a São João e para celebrar devidamente sua festa?” E responde: Pedir a Deus, por intercessão de São João, que nos torne partícipes do terno amor que este santo teve por Jesus e Maria” (*DC 3, 44, 10, 9*).

### **A ternura, especialmente para com os pobres**

Diz ele que naqueles que têm a direção de almas “deve evidenciar-se...especial ternura com as almas que lhes são confiadas, de modo que sejam bem sensíveis a todo que possa afetar ou ferir suas ovelhas” (*Med. 33, 2, 1*). Lembra também: “Vós tendes a obrigação de instruir os filhos dos pobres. Conseqüentemente, deveis sentir particularíssima ternura para com eles, e procurar seu bem espiritual quanto lhes for possível, considerando-os como os membros de Jesus Cristo e seus prediletos” (*Med. 80, 3, 2*). Por sua vez, na meditação sobre São Barnabé afirma: “Quanto mais ternura sentirem pelos membros de Jesus Cristo e da Igreja que vos são confiados, tanto mais Deus produzirá neles admiráveis efeitos da graça” (*Med. 134, 2, 2*) E acerca de São Domingos declara: “Vós sabeis que estais encarregados da instrução dos pobres: imitai a ternura que deste santo para com eles, e vencei a vossa natureza, quando esta vos inclinar a considerar mais os ricos do que os pobres. Jesus Cristo considerará como feito a ele mesmo o que fizerdes aos pobres” (*Med. 150, 1, 1*). Ainda, na festa de São Cipriano recorda: “Todos os dias deveis instruir os meninos pobres. Amai-os ternamente como este santo, que nisto seguiu o exemplo de Jesus Cristo. Deveis preferi-los aos que não são pobres, pois Jesus Cristo não diz: o Evangelho é anunciado aos ricos, e sim aos pobres” (*Med. 166, 2, 2*).

## Os frutos da ternura

Referindo-se à oração La Salle lembra que “se ora a Deus com devoção quando se sente um terno afeito por Ele, por tudo aquilo que se refere a seu serviço ou que pode procurar sua glória. Este afeito e este desejo fazem com que se venere e se rendam homenagens a Deus (DC 1 402, 1, 7). E, como o fruto da ternura é o bem e a virtude, pede a Deus: “ponde em meu coração um terno amor ao verdadeiro bem, e vivo afeito à prática da virtude, que é a única coisa que devo amar na terra, pois é a única capaz de pôr-me na disposição de amar-vos nesta vida e possuir-vos eternamente no céu” (13, 19, 2).

## A ternura na comunidade dos Irmãos

Com referência à vida comunitária dos Irmãos se pode aplicar o que diz sobre a quinta bem-aventurança: alcançarão misericórdia “aqueles que mostrarem muita ternura e compaixão pelo próximo e se empenham para aliviá-lo em suas misérias” (DC 216, 2, 11). Ao diretor da Comunidade ele diz: “Terá e manifestará um afeito e uma ternura de coração muito especial aos Irmãos que estão sob sua direção, e cuidará muito para não se mostrar desgostoso interiormente, nem de manifestar isto jamais a respeito de algum deles” (RD 1, 21). Inclusive, referindo-se ao enfermeiro declara: “Ter-se-á o cuidado que tenham um enfermeiro muito caridoso, que atenda com muito afeito e ternura a todas as suas necessidades” (RC 22, 3). Por fim, “que cada um sinta por seu próximo afeito e ternura verdadeiramente fraterna; cada um queira sobressair-se aos outros na demonstração de honra e de deferência” (11, 7, 18, 10).

## Conclusão

Jean Pungier escreveu que “a atitude de ternura em La Salle é abertura ao amor que se transforma em caminho pelo qual Deus realizará grandes coisas no coração dos pequenos” (*Temas Lassalianos 1, pág. 75*) e isto é o que este percurso pela vida de La Salle, aproveitando seus escritos, nos mostra. Uma atualização do que foi dito, se descobre nos textos: Por um lado, “os Irmãos... vivenciam o chamado de Deus de modo progressivo para atingir sua plenitude humana como fruto de uma ternura que abraça a todos, em particular os pobres” (cf. R. 28). Por outro lado: “Os Irmãos, por sua vida, testemunhem a presença da Deus entre os homens, a força libertadora de seu Espírito e a ternura de seu amor” (R. 85).



## LA SALLE: SUA OPÇÃO POR UMA ESPIRITUALIDADE DE SERVIÇO E SOFRIMENTO

*Ir. Israel José Nery*

Para La Salle os sofrimentos em suas variadas formas, aqueles que buscamos, os que os outros nos impõem e os que nos afligem naturalmente, devem ser assumidos em associação com os sofrimentos de Cristo, sempre com objetivos nobres, tais como a santificação, a glória de Deus, a esperança de vida eterna, a edificação da Igreja e a salvação do mundo.

### **1. O olhar de La Salle, com sensibilidade bíblica, sobre a situação dos pobres, leva-o à conversão.**

Uma espiritualidade profundamente marcada pela familiaridade com a Palavra de Deus, leva La Salle a ler a realidade de vida dos “meninos” pobres e a mobilizar-se para fazer algo por eles, encarnando-se profundamente no mundo dos pobres. Este estilo de vida está fundamentado no aniquilamento do Filho de Deus, segundo o Novo Testamento. Esta é uma das características da escola francesa de espiritualidade, especialmente a Sulpiciano. A teologia vicária da época centraliza no sofrimento a salvação em Jesus Cristo. Para viver esta espiritualidade, La Salle saiu da segurança e estabilidade de seu mundo (*mais ou menos 33 anos de idade*) para abraçar um estilo de vida pobre e austero com todas as suas conseqüências (*recordar os fatos concretos da vida de La Salle para ilustrar a situação de pobreza que viveu até a sua morte, aos 67 anos*).

### **2. La Salle pratica a renúncia, a penitência e a mortificação em grau heróico.**

Além do sofrimento normal gerado pelo novo estilo de vida, vivendo com pessoas pouco acostumadas às mais elementares regras de civilidade, La Salle continuamente jejuava, passava noites em oração, fazia longas viagens a pé, flagelava-se e usava o cilício para se assemelhar cada vez mais a Jesus, servo sofredor. Seus biógrafos revelam em inúmeras passagens o espírito de penitência e mortificação vivido pelo Fundador (*cf. CL 8, 415s*) e, também como se sacrificou e sofreu por Deus e pela salvação dos “meninos” pobres (*cf. CL 8, 391s*). Tudo isso porque Jesus também sofreu toda a sua vida pela nossa salvação. À imitação de Cristo, os santos abraçaram o sofrimento com alegria e seus méritos são aplicados aos fiéis penitentes (*cf. CL 22, 112 = DC 30, 12, 6*).

### **3. Pessoas que se colocam a serviço dos pobres, unicamente por caridade.**

O serviço educativo aos pobres, realizado em situação de muitas dificuldades, incompreensões e perseguição foi motivo de muito sofrimento para La Salle e aos primeiros Irmãos. E a situação se tornou ainda mais difícil porque os “educadores cristãos”, os “Irmãos das Escolas Cristãs”, e as mesmas “Escolas Cristãs”, eram totalmente gratuitas, por caridade, como uma resposta de Deus, uma iniciativa dele para salvar humana e espiritualmente os pobres.

Esta situação exige espírito de fé, zelo e doação generosa. “Pensando o que Jesus Cristo sofreu por nós, necessitamos reavivar nossa frágil e vacilante fé, dispor-nos a sofrer por Deus e a praticar as máximas opostas às inclinações da natureza. Estais dispostos a morrer para provar a qualidade de vossa fé?” (M 84,2). *(Podem-se recordar outros textos de La Salle e dos começos do Instituto que expressam esta realidade).*

#### **4. Colocar-se a serviço dos mais pobres não atrai a admiração de ninguém, mas a incompreensão e a perseguição.**

“Ao assumir nosso estado de vida precisamos estar dispostos a viver abnegação como o Filho de Deus ao encarnar-se; pois é o mais relevante em nossa profissão e emprego. Somos os pobres Irmãos, esquecidos e pouco considerados pela gente do mundo. Somente os pobres nos procuram, e não têm nada a oferecer-nos do que os seus corações, dispostos a receber nossas orientações. Amemos o que a nossa profissão tem de mais humilhante, para participar em alguma medida, da abnegação de Jesus Cristo ao nascer” (M 86,2).

Em outras Meditações La Salle exorta os Irmãos a sofrer, por amor, com os olhos em Deus, para o bem dos alunos (M 78,3; 95,3; 102,3; 118,2; 145,1-3; 149,3; 152,3; 173,3; *São Francisco de Assis*; 177,2; 183,1; *Todos os Santos*; 192,3; *Santa Catarina de Alexandria*). La Salle chega a ensinar os alunos a imitar a Jesus em seus sofrimentos, como, por exemplo, agüentar de boa vontade o frio e a pobreza por amor a Deus (cf. CL 22, 142 = DC 42, 2, 7).

#### **Observação**

É evidente que o sofrimento pelo sofrimento não tem sentido. Mas, quando é vivido por um motivo nobre e positivo pode ter um caráter benéfico para a pessoa que sofre e muitas vezes sobre a situação que vive. É o caso do sofrimento da mãe que cuida do filho, do pai que trabalha para sustentar a família, do professor que educa os alunos, do cidadão que luta pela justiça... Somente a fé, a esperança e a caridade permitem reconhecer o valor salvífico do sofrimento e dar força espiritual, psíquica e física para suportar as piores situações. Jesus deu o exemplo, e La Salle seu servidor, o soube imitar em grau heróico.



## DEUS VEM AO ENCONTRO AMOROSO COM O IRMÃO

*Irmão Diego José Díaz Díaz, fsc*

O Senhor de La Salle contemplou profundamente o amor que procede do Pai e que se manifestou na criação, e, de modo especial em Jesus Cristo, “revelando-nos assim o caminho que devemos seguir” (M 3, 3). Ao mesmo tempo, o santo Fundador analisa a importância de responder a Deus, amando-o e descobrindo-o como o centro de tudo o que é criado, “querendo amar unicamente a Deus, por Deus ser o único amável...” (M 70, 1.2.3).

Uma passagem fundamental de La Salle na conceituação teológica e contemplativa do ser humano, é sua capacidade de reconhecer um Deus que vem ao encontro do homem, com a intencionalidade particular de salvá-lo (M 193, 3) e de afastá-lo do pecado (M 114,2; 198,2; 202,1). Percebe-se esta conceituação, especialmente, no desenvolvimento do tema do mistério da “Encarnação”, ali onde o Fundador expressa com clareza a iniciativa que Deus toma para salvar o gênero humano: “Deus, que conduz todas as coisas com sabedoria, quando tomou o propósito de salvar os homens e de nascer como um deles...” (M 163, 1).

Para o Senhor de La Salle, a contemplação do mistério da “Encarnação” se converteu em um paradigma que lhe permitiria descobrir o Deus humano que se revela nos acontecimentos da história: “Impressionado pela situação de abandono dos filhos dos artesãos e dos pobres, João Batista de La Salle, à luz da fé, descobriu a missão de seu Instituto como resposta concreta à sua contemplação do desígnio de salvação de Deus” (R. 11). É por isso que “O fim da Encarnação aparece motivado pelo desejo de Deus de livrar o homem do estado de pecado em que se encontrava; para isto o Filho se fez homem, tomando um corpo e uma alma semelhantes aos nossos”.<sup>6</sup> Na meditação 25, 1, o Fundador incita os Irmãos a reconhecerem a presença de Jesus Cristo no meio da humanidade, com o objetivo de orientá-la para a ação de salvação e de libertação de Deus. “Jesus Cristo desceu do céu à terra somente para alcançar a salvação dos homens. Ele sabia que este desígnio somente seria cumprido com muito sofrimento e pela morte numa cruz. Por isso, na Encarnação, ofereceu-se ao Pai Eterno para sofrer tudo o que a este aprouvesse, para satisfazer por nossas culpas...”<sup>7</sup>

O mistério da “Encarnação” de Jesus Cristo converteu-se num referencial importante para o Senhor de La Salle. É por isso que na meditação para a Vigília do Natal de Jesus Cristo 85, 3, incita os Irmãos a estarem dispostos para acolher Jesus, de tal maneira, que sua vida se converta também em acolhida dessa mesma “Encarnação” que se projetará em seu ministério educativo: “Pois sabemos que Jesus Cristo quer vir hoje a nós, e porque o reconhecemos por quem Ele é de fato, preparemos-lhe uma morada digna e disponhamos de tal forma nosso coração para sua visita, de modo que ele estabeleça prazerosamente nele sua morada”.

<sup>6</sup> RODRÍGUEZ, Á., Encarnación, Temas Lasallianos 2, 21.

<sup>7</sup> También cf. EMO. 64, 65, 84, 86

O santo Fundador orienta a formação espiritual dos Irmãos para que descubram a presença amorosa de Deus em suas vidas, a proximidade de um Deus que vem a seu encontro. É assim que ele expressa seus sentimentos: “Meu Deus, Tu estás em mim e em todas as criaturas, e todas elas só subsistem por Ti, e porque Tu moras nelas. Oh! meu Deus, quanta confiança e apoio em Ti me dará teu morar em mim! Como não haveria de sentir-me movido a pensar em Ti, oh! meu Deus, tendo-Te sempre comigo, e em mim, e não podendo fazer nada se não contigo? Todas as minhas atividades hão de ser outros tantos movimentos que me impilam a erguer o meu espírito para Ti; todos os movimentos de meu coração são outros tantos toques que lhe dás para aconselhá-lo para que seja teu (EMO 2, 2).

Para La Salle a contemplação do Deus humano converteu-se em motivo de adoração em todos os aspectos da vida. Isto ele tornou evidente em sua Coleção de Pequenos Tratados: “O que é adorar a Deus, ou suas ordens e vontade, em todas as coisas? Adorá-lo em tudo o que existe e em todos os acontecimentos desta vida...(CVT 11)<sup>8</sup> Também a experiência de Deus, presente e íntimo, é o fundamento de fé que deve mover àqueles que compõem o Instituto “a considerar tudo com os olhos da fé, a fazer tudo em vista de Deus, e a atribuir tudo a Deus” (R. 2). Este incitamento do mesmo modo, ele o faz notório na meditação nº 88, 2: “Pensemos muitas vezes que, se Jesus se deu todo a nós e para nós, devemos também dar-nos inteiramente a Ele; fazer tudo por Ele e não nos procurar a nós mesmos em nada”.

A vida do Irmão adquire um sentido e um valor especial ao contemplar o Deus humano que se “encarnou”, visto que sua vida se converte em um meio que lhe permite encarnar-se “no mundo dos pobres para levá-los a Deus, manifestando-lhes o amor gratuito de Deus e transformando sua vida”<sup>9</sup> A experiência de oração converte-se numa visão mais profunda da realidade, é uma relação em que Deus vem ao encontro amoroso do Irmão, e o Irmão responde à intimidade de Deus em seu viver cotidiano, por isso “trata-se de uma oração encarnada. Uma oração que, como a de Jesus é abertura pessoal, silenciosa e profunda a Deus como Pai, e, ao mesmo tempo é descoberta de sua vontade salvífica e entrega da vida por aqueles e aquelas que o Senhor nos confiou”<sup>10</sup> Descobrir o Deus humano na espiritualidade lassaliana é torná-lo presente “na existência concreta, é a vida, são os acontecimentos, são os pobres, porém, reconhecendo neles outra realidade, outra oportunidade, outro sentido, outra interioridade”.<sup>11</sup>

---

<sup>8</sup> Também cf. M 46, 1.

<sup>9</sup> RODRÍGUEZ, À. Encarnación, Temas Lasallianos 2, 22.

<sup>10</sup> RODRÍGUEZ, À., El rostro del Hermano Hoy, Carta Pastoral aos Irmãos, 2000, 21

<sup>11</sup> Ibid. 22.



## GUIADOS POR DEUS, MOVIDOS POR SEU ESPÍRITO E COM INTENÇÃO DE LHE AGRADAR

*Irmão Lorenzo González Kipper-fsc*

Unir-se a Deus, encher-se de Deus, concentrar-se em Deus, é a oração lassalista. Conscientizar-se da presença de Deus, é pôr-se em suas mãos, captá-lo e senti-lo próximo, como o mais profundo, o mais íntimo de si mesmo; o que não impede de ter a certeza de sua imensidade, de nos relacionarmos com Ele como o Ser Supremo. A consciência da presença de Deus é sentir a sede do Absoluto e relativizar o resto. “Tu nos fizeste para Ti, Senhor, e nosso coração somente em Ti descansa”.

O renovar-se na presença de Deus, o estar consciente de que se está em sua presença é “a alma e o sustentáculo da vida interior” (CVT 13, 1,2). Juntamente com a oração mental, o espírito de fé e o recolhimento interior, a presença de Deus é que dá força interior, “sustenta” interiormente a Comunidade dos Irmãos (CVT 4, 2).

Foram muitos os sinais da presença de Deus no Antigo Testamento: a brisa suave e a paz do Éden, a conversação amistosa com Abraão, Moisés, Elias, o fogo, o trovão, o vento do êxodo, a nuvem que cobriu e encheu o tabernáculo da Aliança. Da mesma maneira, La Salle, incitava seus discípulos a descobrirem o Deus presente em múltiplos sinais.

La Salle assinala três diferentes modos de pôr-se na santa presença de Deus, cada uma delas podendo dividir-se em duas maneiras. É interessante considerar esses três modos, como os Irmãos Miguel Campos e Michel Sauvage o fizeram na “Explicação do Método de Oração de São João Batista de La Salle”. O texto deles inspira as seguintes reflexões:

### Primeiro modo de considerar Deus presente

#### 1. Deus presente no imenso universo que nos rodeia.

Por um lado podemos conscientizar-nos que “em qualquer lugar onde nos encontrarmos, por longe e oculto que seja, Deus sempre se encontra e é impossível fugir de sua presença” (EMO, 17). É a certeza de estar na presença de Deus em todo lugar, em qualquer deslocamento por remoto ou solitário que seja, sempre, absolutamente sempre, estaremos na presença de Deus. Essa conscientização é motivo de profundo gozo, de deleite e de adoração (MF 90), é um chamado à total confiança no Senhor e à vontade de viver para agradar a Deus, “sem jamais prescindir dEle” (EMO 23), evitando tudo aquilo que ofende “a Deus, sendo, como é, tão grande sua bondade e seu amor a nós” (EMO 21).

#### 2. Deus presente em todo o nosso ser.

É certo que Deus está presente na imensidão do universo, na totalidade do nosso entorno; assim sendo Deus está presente em cada um de nós. É Ele quem nos comunica “o ser, o movimento e a vida”. Sem sua presença vivificante “voltaríamos ao nada” (EMO

40). O ser humano em sua constituição total, material e imaterial, não é simplesmente fruto de um impulso inicial, mas é um ato contínuo de Deus, que envolve uma atenção permanente dEle a cada um em todo momento. Na minha respiração, na minha pressão sanguínea, na minha capacidade de movimentação, na minha vitalidade física, assim como em meus pensamentos, sentimentos e imaginação. Em todo o meu ser descubro e reconheço que é Deus presente e amoroso que me comunica o ser, o movimento e a vida. A resposta humana só pode ser de assombro, agradecimento, gozo, oferecimento de si mesmo ao Deus doador da vida. Trata-se de um relacionamento constitutivo da pessoa, relacionamento fundamental com Deus Pai Criador que só é amor que transborda na pessoa humana. Que grande dom, que eminente graça, “sermos o que somos, devido à sua morada em nós!” (EMO 14).

## Segundo modo de considerar Deus presente

### 1. Deus presente na comunidade de Irmãos.

Deus está presente na comunidade porque “onde duas ou três ou mais pessoas estiverem reunidas em nome de Nosso Senhor, Ele estará no meio delas” (EMO 16 e 24). É a presença de Jesus ressuscitado na comunidade de seus discípulos: “Estarei convosco todos os dias, até o fim dos séculos”. Presença que assume e leva à plenitude a presença divina de Deus que acompanhou seu povo no Antigo Testamento. A escola francesa de espiritualidade insistia em “Jesus Cristo estendido ou permanente e comunicado”, que “dita, inspira”. La Salle ressalta que “estando um Irmão reunido com seus Irmãos...tenha a certeza de estar em companhia de Nosso Senhor que está no meio dos Irmãos” (EMO 25). É importante que se diga que não basta estar num mesmo lugar, mas que se consiga estar “reunidos”, unidos malgrado as tensões e oposições, superando obstáculos e problemas inter-pessoais. Os Apóstolos reunidos no Cenáculo receberam o Espírito do Ressuscitado. Os Irmãos reunidos, convocados como Igreja para uma missão que lhes é confiada, tomam consciência do Espírito de vida que os leva a manter “uma íntima união de espírito e de coração” (EMO 38), e anima e vitaliza suas ações “para cumprir os deveres de minha vocação...” em prol dos que Deus confia à minha solicitude” (EMO 39). Jesus está no meio dos Irmãos “para dar-lhes seu Santo Espírito e para dirigi-los por ele em todas as suas ações e em toda a sua conduta” (EMO 26). Como que naturalmente vem à mente a palavra de La Salle aos seus Irmãos: “A união fraterna numa comunidade é uma jóia; por isso tanto a recomendou Nosso Senhor a seus apóstolos antes de morrer. Perdida a união, tudo está perdido. Conservai-a, pois, cuidadosamente, se quiserdes que vossa comunidade perdure” (Med. 91,2).

Pôr-se na presença de Deus, considerando Jesus Cristo no meio dos Irmãos é o urgente chamamento para que todas as ações “se refiram a Cristo e tendam a Ele, como a seu centro, e extraiam dele toda sua virtude, assim como os ramos retiram a seiva da cepa” (EMO 34). É assim que se chega a um movimento contínuo de “nossas ações a Cristo e de Cristo a nós, uma vez que é Ele quem lhes dá o Espírito de vida” (EMO 34). Sobre todas as ações do Irmão, dos lassalistas: ações fraternas e ações apostólicas, ações de superação pessoal e ações de doação de si, sobre todas elas Cristo, presente “entre nós (...) derrama seu Espírito (...), e nelas é Espírito de vida, e faz que não sejam ações mortas” (EMO 36).

La Salle considera a presença de Jesus no meio dos Irmãos intimamente relacionada com o desempenho na missão que lhes é confiada: “O emprego que exerceis obriga-vos a mover os corações. Mas isto somente o podereis com a cooperação do Espírito Santo. Pedi-lhe queira conceder-vos, hoje, a mesma graça que infundiu nos santos Apóstolos e que, depois de vos encher do seu Espírito, a fim de santificar-vos, também vo-lo comunique para operardes a salvação dos outros” (*Med. 43, 3*).

## 2. Deus presente na Eucaristia

Jesus presente na comunidade, Jesus presente na Eucaristia, são duas formas de presença profundamente inter-relacionadas. A assembléia eucarística é o sinal visível da união dos corações, sinal de que a fraternidade dos crentes tem por fundamento a identificação com Jesus, é nela onde chega à plenitude a promessa de Jesus, de estar presente onde dois, três ou mais estiverem reunidos em seu Nome.

Jesus na Eucaristia “estabeleceu seu tabernáculo entre os homens, e habitará com eles e será seu Deus” (*EMO, 76*), afirma La Salle, citando Ap 21, 3. Trata-se de uma perspectiva dinâmica, a de um intenso relacionamento entre Cristo e nós. La Salle incita a considerar Jesus como Mediador, e o Irmão que recebe a Cristo Eucaristia como se associando a seu Mistério de Mediação. Cristo Eucaristia é o Mediador que, além de oferecer a si próprio (*EMO 83*) oferece nossas orações ao Pai (*EMO 78-79*). É Mediador das graças que Ele mesmo possui como plenitude de Deus, e é Mediador ao pôr de manifesto o Deus Amor (*Emo 81*). Sua mediação é de reconciliação, de remissão dos pecados, levando a Deus a resposta de amor da humanidade (*EMO 83*). O Irmão, ao unir-se a Cristo Eucaristia se torna como Ele, mediador para seus alunos junto com Cristo. É seu Embaixador e Ministro, “Jesus Cristo mesmo é quem deseja que os alunos os vejam como veriam a Ele, e que recebam suas instruções como se Ele pessoalmente lhes desse, persuadidos de que a verdade de Jesus Cristo fala por sua boca, que é só em seu nome que os ensinam, que é Ele quem lhes confere autoridade sobre eles” (*cf. Med. 195, 2*), Comungar a Cristo Mediador, presente na Eucaristia, é acolher, na fé, o dom que faz de seu perdão, de sua força, de sua paz para comunicá-los aos alunos, libertando-se das próprias limitações e misérias (*EMO 83*) Comungar a Cristo Mediador é renovar-se no amor de Deus, que conduz até a aceitação amorosa do Sofrimento (*EMO 83b*), e permanecer “com atenção e respeito” no amor de Deus (*Emo 81*).

A comunidade reunida em torno da Eucaristia se revigora e fortalece sua unidade. Recebe de Jesus o Espírito de vida que a ilumina e fortalece no que tange à aceitação mútua, leva-a a unificar energias com vistas na realização da missão que lhe foi confiada.

## Terceiro modo de considerar Deus presente

### 1. Deus presente em seu templo que somos nós mesmos, em que habita por sua graça.

Deus está presente em nós “por sua graça e seu Espírito...”. O Reino de Deus está dentro de nós, como em seu templo (*EMO 51*). Assim foi em Maria Santíssima. Ela foi “tabernáculo e templo vivente” de Deus (*Med. 191, 3*). Somos morada do Deus Trindade: “Eu habitarei entre eles... e serei seu Deus, e eles serão meu povo” (*EMO 55*). Daí somos chamados, em nossa forma de viver e de atuar, a sermos sinais do mundo

novo inaugurado por Cristo. A inabituação de Deus, faz que sejamos “templos do Deus vivo”, santuários de Deus, santuários do Espírito Santo” (EMO 55-59), cabe a nós permitir que “Ele reine de forma absoluta, como um rei em seus domínios e com inteira dependência por nossa parte” (EMO 52). Que Deus seja “o dono do nosso coração” (EMO 54). Na meditação para o Domingo de Ramos, La Salle insiste: “Preparai-vos hoje, para receber a Cristo em toda a plenitude, entregando-vos sem reserva à sua direção. Deixai-vos reinar sobre todos os vossos movimentos interiores, de modo tão absoluto e com tal dependência da vossa parte, a ponto de poderdes afirmar que efetivamente já não sois vós que viveis, mas Cristo vive em vós (Gl 2, 20; Med. 22, 2). La Salle insiste: “Que Deus reine plenamente em sua alma” (EMO 54).

A presença de Deus em nós é uma presença estável. Estamos vivos, em corpo e alma, para Deus em Cristo Jesus. Ao assinalar a presença de Deus no corpo, se está assinalando a presença de Deus na pessoa inteira, a pessoa viva, cuja atividade se manifesta por fora. Este corpo é templo do Espírito Santo. Segundo La Salle, essa dignidade acarreta deixar-se “conduzir pelo Espírito Santo” em todas as ações. O objetivo da missão que é confiada ao Irmão é “conseguir que (os *alunos*) levem vida cristã, e que suas palavras (as *do Irmão*) sejam espírito e vida para eles... porque o Espírito de Deus que habita em vós (os *educadores cristãos*) as produz” (Cf. Med. 196, 3).

Ao orar, tomando consciência de Deus presente, o Irmão celebra a Deus que o transformou em sua totalidade em seu templo, e que, desde o mais profundo de seu próprio ser pode dialogar com Deus. Este relacionamento se desenvolve no fundo do coração, no interior da pessoa, mas não exclui seu valor comunitário. O templo que é o próprio corpo é também a Igreja, forma parte da Igreja, é a realização hoje da Aliança de Deus com seu povo. A Igreja é a comunidade de crentes na qual cada um é chamado pelo seu próprio nome, é membro vivo de Jesus Cristo, no qual o Espírito Santo habita pessoalmente. Juntos, os Irmãos aprofundam o mistério de Deus, juntos compreendem a história de sua intervenção em suas vidas. A união de todos é acrescida pela fidelidade de cada um (EMO 31 e 37).

“Meditais de vez em quando sobre a felicidade de que gozais pelo fato de o Espírito Santo morar em vosso corpo como em seu templo e de Ele rezar em vós e por vós? Abandonai-vos completamente a este Divino Espírito, para que ele peça para vós tudo o que vos é necessário para o bem de vossa alma e o das almas que vos estão confiadas, e que obreis unicamente por ele?” (Med. 62, 2).

## **2. Deus presente no templo material que é também o templo do nosso trabalho e apostolado, motivo pelo qual construímos uma morada para Ele, Deus.**

Deus está presente na “Igreja porque é a casa de Deus” (EMO 64), é “casa de oração”, La Salle, porém, também assinala que, embora o templo material seja um lugar especial de encontro com Deus, “em todo lugar se pode honrar a Deus, uma vez que não existe lugar algum onde Ele não esteja presente” (*Deveres do cristão, pág. 434*).

O edifício é “santo” porquanto constitui um sinal especial da presença de Deus. Tal é também todo lugar onde o educador cristão realiza a missão que lhe foi encomendada. Esse lugar se transforma, também, em sinal da presença do amor de Deus por seu

povo. A oferta de vida do educador cristão, unida à oferenda de Cristo, faz do lugar de seu apostolado o templo santo em que Deus se manifesta através de seu embaixador e ministro.

A lembrança freqüente da santa presença de Deus nas aulas, nas reuniões escolares, na vida dos grupos, é uma forma de insistir em que esse lugar, essa reunião é “casa de Deus”, santificada por Cristo (*EMO 68*). O conteúdo do sacrifício espiritual do cristão está em toda a sua existência, especialmente em sua entrega e apostolado. Unido à entrega de Cristo se transforma em oferenda agradável ao Pai. Quanto ao lugar de apostolado pode aplicar-se o que La Salle refere ao templo no qual se deve entrar “com grande pureza exterior e interior” (*EMO 70*). O lugar do apostolado é templo que o próprio Deus consagrou, é sua vinha, é o campo que Ele cultiva e se consagrou “para que assim o seja até o fim dos séculos” (*EMO 74b*) como sinal da realidade espiritual que se realiza nos alunos e nos professores. O lugar de apostolado é lugar onde Deus habita, “onde suas graças são distribuídas com fartura” (*EMO 74c*).

\* \* \*

A riqueza da explicação do método de oração mental é inesgotável. A insistência de La Salle em renovar freqüentemente a lembrança da santa presença de Deus é um permanente Leitmotiv. Ter a convicção de que Deus está em toda parte é o que nos comunica a todo momento vida e vitalidade. Que Ele está conosco na comunidade, e que essa presença encontra sua plenitude na Eucaristia, que está presente em cada pessoa, transformando-a em seu templo, e que está no templo material e no templo construído dia após dia no trabalho, nos serviços que se prestam e nos apostolados que se exercem, são as convicções que sustentam espiritual e interiormente o discípulo de Jesus, que encontra em Deus sua fortaleza e o sentido de sua vida.



## MEU JUSTO VIVE DA FÉ

*Irmão Santiago Manzini, fsc*

### Uma lembrança do Irmão Jean Jacquot<sup>12</sup> (1672-1759)

Rouen, fevereiro de 1752:

Não sei por quê, nestes dias, me recordo dessas coisas. Eu era apenas um adolescente, lá por 1685. Na escola de Château-Porcien, havia pouco, os Irmãos começaram a vestir o hábito. Eu os tinha conhecido como “mestres”. Mas, então, tudo começou a parecer-me mais claro, claro como pôde ser nos meus treze anos de idade.

Impressionava-me a rotina diária. Os Irmãos chegavam, tão concentrados em sua oração, em silêncio, caminhando serenamente, com esse olhar de pessoas ao mesmo tempo satisfeitas e ansiosas. E, envoltos nesse mesmo silêncio se persignavam com água benta, e, de joelhos, adoravam Deus presente na sala de aula. Não sei, se naquele tempo, eu entendia totalmente o que isto significava, mas intuía que no trabalho que seguia, havia algo de sagrado a que valia a pena entregar corpo e alma. Esses homens, que pareciam saber tudo, estavam por inteiro a nosso serviço.

A cada hora lembrávamos a presença de Deus entre nós. Assim fui aprendendo que as coisas do saber são uma graça de Deus. Eu me esforçava para parecer-me com os Irmãos, com os braços cruzados, em silêncio, respeitoso, modesto. Pouco a pouco o silêncio foi penetrando em mim; e com ele, foi entrando a fé de que Deus queria fazer de mim mais um Irmão.

Recordo especialmente a maneira como um deles talhava as penas: a atenção, o extremo cuidado nesse trabalho, a precisão na explicação sobre como devia ser feito esse trabalho. Senti-me tão importante e habilitado quando consegui executar sozinho a preparação desse instrumento para a escrita. Especialmente, quando começava a escrever e dava certo. A mão do Irmão que guiava a minha, era toda uma alegoria.

Deus quis que os meninos da minha comunidade local pudessemos descobrir motivos de fé para viver. Foi para isto que optou pela vinda desses Irmãos para cá, para nos ensinarem. Homens que tinham descoberto a sabedoria do Evangelho, as coisas secretas que só Deus revela na oração. Nós éramos meninos simples, pobres. Deus chegava a nós em palavras claras e fáceis, bem acessíveis para todos, com sua salvação escondida nos acontecimentos simples que ocorriam na escola.

Com o passar do tempo eu desvendei o segredo. Para educar esses meninos pobres no espírito do cristianismo, temos de ser homens interiores, vivenciando o mais possível a presença de Deus, recolhidos exterior e interiormente, silenciosamente, ocupando-nos de nosso trabalho e em cordial obediência.

<sup>12</sup> *Guia das Escolas, Capítulo 1º, art. 2; capítulo 4, arts. 8 e 9; capítulo 7, arts. 1 e 4. MTR 1. EMO 327.*

## Como em tudo encontrava a Deus, tinha a felicidade de encontrar Deus em toda parte:<sup>13</sup> o Irmão Marie-Victorin<sup>14</sup> (1885-1944).

Conhecemos esse Irmão sábio: botânico que classificou a flora Laurenciana e a de Cuba, professor universitário, articulista, viajor incansável, mas também criador de uma escola ambulante e de um jardim de infância, especializado na vida da natureza, animador de círculos científicos de alunos e de antigos alunos, escritor de peças teatrais para internos, leitor incansável, criador do Jardim Botânico de Montréal, muitas vezes premiado por seus trabalhos. Tentado para que abandonasse o Instituto para poder trabalhar mais, retrucou: “Serei sempre Irmão das Escolas Cristãs, ligado à Universidade de Montreal”. Descerremos um pouco a cortina, e fixemos os olhos naquilo que houve em seu coração.

“As obras da Congregação não poderão sobreviver num mundo moderno e servir à Verdade e ao Bem, se não propiciarem ao povo, juntamente com a grande luz de Cristo, essas outras luzes, divinas também, porque emanam do mesmo manancial, cujos fachos acenderam e sempre hão de acender no mundo os grandes pensadores, os grandes sábios e os grandes artistas de todos os tempos”.

“É preciso pôr o universo ao alcance dos alunos, mas sem matar, de nenhum modo, o espírito de observação, nem favorecer de forma alguma a passividade. Por isso é que me interessam o cinema e os diapositivos, tanto como a observação direta e o desenho”.<sup>15</sup>

“Meu Jesus, concede-me a graça de trabalhar unicamente para o bem das almas. Rezei esta manhã por meus alunos. Maria Santíssima, mostra-te como a Mãe deles. Tenho de converter-me num religioso santo para poder fazer todo bem que parece possível. Tão somente poderei ser um homem interior mediante a oração feita com coragem”.<sup>16</sup>

“Meu Jesus, meu Deus, meu Amigo, meu Irmão. Eu atendi a teu terno chamado desde o Sacrário, e, nesta manhã vim para abrir-Te meu coração. Eu Te amo, Jesus, com todo o ardor do coração. Eu creio e compreendo que somente Tu és digno do meu amor. Jesus, fica comigo e não permitas que esqueça, sequer por um instante, que hoje eu Te apertei contra o meu coração”<sup>17</sup>

## Lembranças de uma sala de harmônios. O santo Irmão Muciano Maria (1841-1917)<sup>18</sup>

Qualquer lugar aonde entrava, para ele se transformava em lugar de oração. Com sumo cuidado, para não se perder uma gota, tocava com o dedo a água benta, para traçar sobre si o sinal da cruz. Fazia o sinal da cruz com tal unção que chamava a atenção de todos. Pronunciava claramente cada uma das palavras. Em seguida ajoelhava-se para adorar a Deus presente, antes de iniciar o trabalho. Fazia isto ajoelhado no chão, e com profundo recolhimento. Humilhava-se diante de Deus. Somente erguia os olhos para fitar o crucifixo com todo o amor. E ali permanecia, em adoração. Muitas vezes ficava assim, com os braços em cruz, quando não

<sup>13</sup> Meditação para os Domingos e Festas, 177,3

<sup>14</sup> INSTITUT DES FRÈRES DESS ÉCOLES CHRÉTIENNES (1966) *Biographies lasalliennes*. 4ª Série. Editions de la Maison Généralice. Roma.

<sup>15</sup> De *Les idées pédagogiques du Frère Marie-Victorin* (1942), colecionadas por L.-P. Audet.

<sup>16</sup> De seu diário pessoal.

<sup>17</sup> Oração composta para os alunos.

<sup>18</sup> Hermans, A. (1982) *Le Frère Mutien-Marie*. Editions de la Cause du Frère Mutien. Malonne. Capítulo 6.

havia alunos. Quando eu entrava, sentia-se perturbado, mas logo procurava parecer natural. Mas continuava rezando enquanto se movimentava. E não era que não nos prestasse atenção: escutava-nos, corrigia, dirigia e aconselhava. Estava recolhido no fundo do coração, e seus lábios deixavam de se mover enquanto ia de um harmônio até outro, de um aluno a outro.

### **O evangelho da liberdade: o Irmão Escubilião (1797-1867)<sup>19</sup>**

Para este simples e humilde Irmão, a catequese foi sua paixão principal. E foi cerca do ano de 1841, oito anos após chegar à missão, que quis iniciar a catequizar os escravos. O começo em Bourbon não foi fácil. Mas, alguns anos depois, em Saint-Leu, o fez ainda com mais entusiasmo. Seu coração foi conquistado pelos escravos, os mais pobres entre os pobres, trabalhadores nas plantações de café, cana de açúcar e de baunilha. Ansiava por conseguir que eles se conscientizassem de sua dignidade de filhos de Deus, que conhecessem sua vocação para o Reino, que amassem a Jesus, aquele que os escolheu para a eles se entregar. Para isto saía cada dia de sua escola, cada entardecer, para dar catequese nas plantações. E obteve muitos bons êxitos, com seus métodos simples, sua ternura inalterável, seu jeito de chamar a atenção e despertar os bons sentimentos. Houve todo um trabalho profundo para ensiná-los, não com palavras estudadas, de modo que a cruz de Cristo ficasse anulada, sem efeito, e tudo que dissesse não penetrasse nas mentes e nos corações. Não se tratava de pregar, mas de perguntar, de ajudar a compreender, de ajudar a expressar por palavras o compreendido.

### **Contra toda idolatria: o Irmão Raphaël Rafiringa (1854-1919)<sup>20</sup>**

Ano de 1883. A guerra pôs frente à frente os Hovas e os Franceses. Todos os missionários foram expulsos de Madagascar. O Irmão Rafael era o único religioso nativo. E ali ele ficou. Sem comunidade, sem eucaristia, sem apoio, em meio de uma população majoritariamente vinculada a cultos tradicionais, e com os evangélicos observando cautelosamente.

No primeiro domingo, 2 de setembro, reuniu-se toda a comunidade eclesial, e o elegeram seu chefe, para presidir as celebrações dominicais, para manter as escolas, animar os encontros e retiros. Aceitou, mas com a condição de reunir um Conselho de Leigos que o ajudasse, e a promessa de todos prestarem obediência. Colaborava com ele uma santa mulher, Victoria Rasoamanarivo. Seu modo de vida não mudou. Continuou sendo Irmão humilde que tem sua confiança posta nas mãos de Deus e que pode ver, mesmo nas dificuldades, como tudo colabora para o bem daqueles que Deus ama. Em seu coração vivenciará a sabedoria que aprendeu de La Salle: “Deus mo deu, Deus mo tirou: Deus seja bendito”.

Tentado pelo Primeiro Ministro para abandonar a missão, e passar a uma vida mais folgada, se afeiçoou em sua vocação: “Foi Deus quem me chamou a abandonar o mundo. Ele providenciará que eu viva, assim como providencia pelos pássaros, não deixando que lhes falte alimento. Esta palavra do Evangelho é a minha garantia”.

---

<sup>19</sup> Fermet, A. (1985) *Frère Scubilion. Jean-Bernard Rousseau. A l'île de la Réunion. Un évangile de liberté*. Desclée de Brouwer. Paris.

<sup>20</sup> F. Concorde-Marie. *Frère Raphaël Louis Rafiringa. Premier Religieux Malgache de l'Institut des Frères des Écoles Chrétiennes*.



Lectura Orante del  
**Nuevo  
Testamento 1**



*Confederação Latino-americana de Religiosos*



**RELAL**

Região Latino-americana Lassalista